

8

A ALUSÃO COMO ESTRATÉGIA TEXTUAL DA LEITURA DE *O MISTÉRIO DA CASA VERDE* EM DIÁLOGO COM *O ALIENISTA*

THE ALLUSION AS A TEXTUAL READING STRATEGY OF *O MISTÉRIOS DA CASA VERDE* IN DIALOGUE WITH *O ALIENISTA*

José Radamés Benevides de Melo

Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano *campus* Senhor do Bonfim).

Vânia Lúcia Menezes Torga

Professora; doutora adjunta do Departamento de Letras de Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc de em Ilhéus, BA).

RESUMO

Do diálogo entre as duas obras, surge nosso questionamento de pesquisa – como a alusão, enquanto estratégia de leitura constitui o leitor-modelo do autor-modelo, pressuposto por nós, de *O mistério da Casa Verde* (de Moacyr Scliar) em diálogo com *O alienista* (de Machado de Assis)? Partindo dessa questão, pretendemos investigar a alusão como estratégia de leitura na constituição do leitor-modelo do autor-modelo, pressuposto por nós, de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Para isso, entendemos que é preciso: 1) articular os conceitos de dialogismo, heterogeneidades constitutiva e enunciativa, alusão, autor e leitor-modelo com a concepção de leitura que está subjacente a cada uma das teorias que nos servem de embasamento e 2) articular de maneira dialógica e dialética as obras

literárias investigadas com as teorias que nos fundamentam. Desse modo, concebemos o diálogo entre as teorias do dialogismo (Bakhtin, 1980), da heterogeneidade (Authier-Revuz, 1983) e da alusão (Torga, 2001) com as teorias do autor e leitor-modelo (Eco, 1979, 2004) a fim de nos auxiliar no processo de leitura aqui proposto; já que a alusão enquanto elemento heterogêneo, dialógico e discursivo que é o que nos coloca em diálogo com os leitores de Scliar e com os leitores de Machado que são retomados, reconstruídos, ressignificados, em um movimento de ir e vir de sentidos, promovido pela memória.

Palavras-chave: alusão; heterogeneidade; dialogismo; autor e leitor-modelo.

ABSTRACT

From the dialogue between the two works arises our research question – how the allusion, while reading strategy, is the author’s model reader model, assumed by us from *O mistério da Casa Verde* (by Moacyr Scliar) in dialogue with *O alienista* (by Machado de Assis)? Starting with this issue, we intend to investigate the reading strategy as an allusion to constitute the author’s model reader model, the assumption by us of *O mistério da Casa Verde* in dialogue with *O alienista*. For this, we understand that it is necessary: 1) to articulate the concepts of dialogism, constitutive and enunciative heterogeneity, allusion, author and model reader with the concept of reading that underlies each of the theories which serve as the foundation and 2) to articulate dialogical and dialectical way of literary works investigated with theories based on that. Thus, we designed the dialogue between the theories of dialogism (BAKHTIN, 1980), heterogeneity (Authier-Revuz, 1983) and allusion (TORGA, 2001) with theories of the author and model reader (ECO, 1979, 2004) to assist us in the reading process proposed here, since the allusion, while heterogeneous, dialogic and discursive element, that is puts

us in a dialogue with Scliar and Machado readers, which will be incorporated, reconstructed, reframed, a movement of coming and going of the senses, sponsored by the memory.

Keywords: allusion; heterogeneity; dialogism; author and model reader.

PARA COMEÇAR

Pensando o texto literário e sua leitura como fenômenos dialógicos é que vislumbramos a possibilidade de ter como objeto de pesquisa *O mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, em diálogo com *O alienista*, de Machado de Assis.

O mistério da Casa Verde é uma narrativa dividida em dez capítulos, uma introdução e um apêndice, que apresenta ao leitor outras obras que fizeram releituras de *O alienista*, obra de Machado de Assis, cujo enredo também é aludido na obra de Scliar. Esta obra faz parte de uma coleção chamada *Descobrimos os clássicos*, da Editora Ática. O objetivo principal desta coleção como, aliás, o próprio nome indica é levar os alunos-leitores aos clássicos, especificamente, os de língua portuguesa. Assim, há volumes que retomam textos como *O guarani*, *Conto de canário*, *Os escravos*, *Senhora*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Os sertões*, *Memórias de um sargento de milícias*, *O cortiço*, *O mulato* e muitas outras obras da literatura de língua portuguesa.

Na tentativa de chamar a atenção dos alunos para essas obras, escritores como Moacyr Scliar, Luiz Antônio Aguiar, Álvaro Cardoso Gomes e Ivan Jaf, elaboraram narrativas simples, claras, cheias de aventuras, peripécias, atuais; e, bem ao gosto de um público acostumado com jogos eletrônicos, computadores de alta definição, brinquedos sofisticados e todo o aparato tecnológico que cerca o cotidiano da infância e da adolescência nos dias de hoje. O retorno a essas narrativas clássicas da língua portuguesa é feito através de recursos que tornam essas obras dialógicas (BAKHTIN, 1980), heterogêneas (AUTHIER-REVUZ, 1983) e alusivas (TORGA, 2001).

Ao longo dos dez capítulos, Scliar narra a história de quatro amigos: Artuzinho, Leo, Pedro Bola e André. Esses quatro amigos precisam de um lugar para se reunirem nos finais de semana, uma espécie de clube em que eles possam ouvir música. Moradores da cidade de

Itaguaí, cujo passado presenciou as polêmicas decisões de Simão Bacamarte, se deparam com uma misteriosa casa verde, um casarão do qual eles não possuíam muitas informações e que estava esquecido pela população local. Como articulador do grupo, Artuzinho convida seus amigos a invadirem a misteriosa casa verde, planejam a invasão e aplicam o plano. Para surpresa dos amigos, ao entrarem na casa, deparam-se com um senhor vestido à século XIX, extremamente mal-encarado e austero; a reação a esse encontro inesperado, mas factual, é um tremendo susto que leva os garotos a se retirarem do antigo hospício às pressas, correndo, e aos pulos.

Depois do susto e da fuga, os garotos refletem e levantam hipóteses, como se fossem detetives-leitores, sobre o homem que vive solitariamente dentro daquele prédio totalmente fechado e incomunicável com o mundo externo, pelo menos até então.

Nesse momento, Leo, o personagem intelectual do grupo, chama a atenção para a presença de bananas e para as roupas que usava, chegando à conclusão de que ele não é um fantasma porque fantasmas não se alimentam. Mas algo continua intrigando os amigos, se ele tem bananas, ele precisa se alimentar, se precisa se alimentar, então há alguém responsável por fornecer-lhe a comida. A partir daí, os quatro amigos decidem vigiar a entrada da Casa Verde durante o dia inteiro, inclusive na madrugada; assim, acabam descobrindo uma garota vestida com roupas de época, à maneira do homem que reside no antigo casarão e, até agora, desconhecido. Quem vê a garota é Artuzinho, que lhe segue até em casa como nos diz o narrador de Scliar (2004, p. 36):

Voltando para a Casa Verde, Artuzinho encontrou, junto à árvore, um preocupado Leo:

– Onde é que você se meteu, Artuzinho? Cheguei aqui, não encontrei você, me apavorei... Achei que o homem tinha sequestrado você...

– Sequestrado, nada! – Artuzinho, excitadíssimo. – Eu estava dando uma de detetive, cara! E você não imagina o que aconteceu!

– Descobri quem traz a comida para o maluco. É uma garota, e lindíssima, cara! Disparado a garota mais bonita da cidade.

Para esclarecer as questões que envolvem o antigo casarão, Artuzinho, Leo, Pedro Bola e André procuram a professora Isaura, que fornecerá informações sobre a história do lugar, sobre Machado de Assis e sua obra. Isso acontece predominantemente no capítulo quatro – *No qual as coisas começam a se esclarecer* – em que aparecem 34 citações de *O alienista* com a função de auxiliar a professora na conversa com os quatro garotos sobre Machado e sua obra.

Neste capítulo, Isaura conta toda a história de Simão Bacamarte, escrita por Machado de Assis. Essa história esclarece para os jovens uma série de questões que, até então, estavam sem respostas. Em uma busca rápida, dinâmica e investigativa, Artuzinho e seus amigos descobrem a identidade da garota que tinha visto levar comida para o hóspede da Casa Verde. Eles descobrem que a garota se chama Lúcia, e aquele homem que reside na Casa Verde é seu pai, ele sofre de um surto psicótico e acredita ser o próprio Bacamarte. Para ajudar sua nova amiga, Artuzinho pede ajuda ao amigo de seu pai, o psiquiatra Eduardo, que conhece *O alienista*, orienta o garoto e o auxilia no trato com o homem residente na Casa Verde.

A história e seus segredos extrapolam os limites do quarteto e das poucas pessoas envolvidas, chegando aos ouvidos do Radialista Ildefonso, que se aproveita para fazer um “furo de reportagem” sensacionalista, armando uma grande confusão e convocando toda a população local para conhecer o sujeito que morava até aquele momento, misteriosamente, em um dos casarões mais antigos de Itaguaí. A partir disso, os fatos fogem do controle do círculo de amigos que, neste momento da narrativa, contam com a participação de

alguns adultos. Ildefonso, de maneira sensacionalista, expõe a vida e a história do pai de Lúcia; o radialista tinha ouvido acidentalmente uma conversa dos quatro amigos na pizzaria. Aproveitando-se da inexperiência dos garotos, arquiteta um momento de encontro entre o povo de Itaguaí e seu passado que, no plano da narrativa, coincide com o clímax e lembra muito o clímax de *O alienista*, quando a população é convocada pelo barbeiro Porfírio a não aceitar a situação criada pelo alienista na Itaguaí oitocentista.

Nessa ocasião, Ildefonso transmite um programa ao vivo de matiz sensacionalista. Toda essa confusão leva Eduardo, o psiquiatra, o pai de Artuzinho e outras pessoas do círculo de amizade dos garotos a se fazerem presentes em frente à Casa Verde. A grande atração do programa da rádio local daquela tarde era apresentar aos seus ouvintes o misterioso homem que morava no antigo casarão.

O desfecho da narrativa se dá com a abertura do antigo hospício e sua transformação em centro de cultura, em que o pai de Lúcia tinha lugar garantido na sala destinada à obra de Machado de Assis. Mas a decisão pelo Centro Cultural Machado de Assis não foi tão simples e fácil quanto parece. A população foi convocada pelo prefeito para participar de uma assembleia que decidiria o futuro do antigo casarão. Depois de algumas propostas, um grupo de professores das escolas municipais, liderado pela incansável professora Isaura, propõe a criação do Centro Cultural Machado de Assis.

É a partir desse diálogo entre as duas obras que surge nosso questionamento de pesquisa – como a alusão, enquanto estratégia de leitura constitui o leitor-modelo do autor-modelo, pressuposto por nós, de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*? Partindo dessa questão, pretendemos investigar a alusão como estratégia de leitura na constituição do leitor-modelo do autor-modelo, pressuposto por nós, de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*.

Desse modo, concebemos o diálogo entre as teorias do dialogismo (BAKHTIN, 1980), da heterogeneidade constitutiva da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1983) e da alusão (TORGA, 2001) com as teorias do autor e leitor-modelo (ECO, 1979, 2004) a fim de nos auxiliar no processo de leitura aqui proposto; já que a alusão, enquanto elemento heterogêneo, dialógico e discursivo que é, nos coloca em diálogo com os leitores de Scliar e com os leitores de Machado que são retomados, reconstruídos, ressignificados, em um movimento de ir e vir de sentidos, promovido pela memória.

Partindo dos conceitos de dialogismo e heterogeneidade para melhor compreensão e apresentação de nossa concepção de alusão enquanto estratégia de leitura, estabelecemos nosso diálogo entre as duas obras; a partir da alusão e o diálogo dessas obras com os constructos teóricos aqui adotados, com o intuito de elaborar nosso leitor-modelo do autor-modelo pressuposto por nós de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Em seguida, apresentamos o processo da nossa leitura dialógica fundada na alusão como estratégia de leitura e as relações metafórico-metonímicas e discursivas que atuam na elaboração do próprio discurso envolvido no diálogo.

DIÁLOGO DE TEORIAS

Entendemos as duas obras a partir de uma perspectiva dialógica, já que em seus enunciados encontramos marcas de textos outros. Na perspectiva bakhtiniana, não se entende o diálogo como aquele que se dá face a face, mas como a interação histórica e social de textos, discursos e/ou falas sociais que interagem de alguma forma com outros. Em *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*, Beth Brait (2005, p. 95) afirma que:

O dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura,

uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

O mistério da Casa Verde e *O alienista*, como textos dialógicos, apresentam referências, citações, intertextos, enfim, as marcas dos outros que fazem parte da sua própria construção. Seus textos são, assim, ao mesmo tempo dialógicos e heterogêneos, visto que dialogam com outros textos e falas sociais, além de trazerem na sua estrutura marcas de outros discursos. É essa presença do outro, uma presença que pode ser ou não marcada, que torna esses textos constitutivamente heterogêneos e dialógicos. São as citações, referências, itálicos, aspas e também os elementos implícitos na estrutura da composição textual – aqueles que não são vistos nem percebidos através de elementos concretos, mas principalmente pelo trabalho da memória –, que os tornam heterogêneos.

Para elaborar o conceito de heterogeneidade constitutiva, Authier articula o conceito de dialogismo de Bakhtin com o seu de heterogeneidade constitutiva da linguagem. Situando-se numa perspectiva também exterior à Linguística, mostra ainda como a Psicanálise (Lacan) questiona a unicidade significativa da concepção homogeneizadora da discursividade (CARDOSO, 2005, p. 88).

Então, percebemos que as teorias do dialogismo e da heterogeneidade da linguagem dialogam, porque:

O “dialogismo” do círculo de Bakhtin, como se sabe, não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria da dialogização interna do discurso. As palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros” (AUTHIER-REVUZ, 1983, p. 26-27).

Ainda segundo a autora:

Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade

de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente” (AUTHIER-REVUZ, 1983, p. 28).

Os elementos caracterizadores da heterogeneidade e do dialogismo têm sido entendidos como alusões, na perspectiva dialógico-dialética de Torga (2001, p. 7); assim, “a alusão é a estratégia mediadora dos movimentos do intradiscurso, do interdiscurso, da intertextualidade”.

Desse modo, a produção do sentido para o texto acontece na perspectiva do dialogismo, da heterogeneidade e da alusão. Se a língua, os textos e as falas sociais são dialógicos e heterogêneos, são também alusivos. A alusão é uma estratégia de leitura mediada pela memória e que, por isso, mobiliza textos, falas sociais, esquecidos, sentidos através do diálogo com outros discursos, outros textos, etc., no processo de construção de sentido. Ou seja, a alusão estabelece um diálogo com a teoria do dialogismo bakhtiniano e, por extensão, com a teoria da heterogeneidade constitutiva da linguagem de Authier-Revuz (1982, 1983). Percebemos, então, que as teorias são copartícipes de um processo maior de compreensão da linguagem e, por isso mesmo, de textos diversos.

Para realizar o movimento de sentido, a alusão exige da memória que resgate fragmentos, inteiros, partes, todos, esquecidos que, de alguma forma, estão relacionados com o texto a ser atualizado. E isso acontece quando um todo fragmentado em partes é reconstituído através da leitura alusiva que, justamente por ser alusiva, permite sua reconstituição. Por isso, entendemos que:

As alusões vão formando a figura do todo – a partir dos índices – pequenas citações, enquanto partes desse todo. Formam, elas, os nexos entre as pequenas partes e o todo que engloba estas partes com a ação dos significados da mediação que fazem o ir e vir da parte para o todo e vice-versa e indiciam as peças que o leitor empírico, vestido de

leitor-modelo, vai articulando com o todo em reconstituição (TORGA, 2001, p. 10).

Assim, a alusão se constitui em um movimento que vai da(s) parte(s) para o todo, ou do todo para a(s) parte(s). Ainda segundo Torga (2001, p. 13):

A alusão é esse movimento dialógico centro/margem/centro – todo/parte/todo – fenômeno/essência/fenômeno. O centro alude à passagem que as margens indiciam nas entrelinhas, nas lacunas. Devido a isso, a alusão enquanto produto, na sua imediaticidade, indicia, metodologicamente, o processo de investigação e pesquisa que se situa no plano da mediaticidade.

Percebemos o aspecto dialógico da concepção de alusão que nos é apresentada por Torga (2001). Colocando em diálogo conceitos como os de memória, metáfora, metonímia, heterogeneidade, dialogismo e estratégias de leitura, ela nos mostra a complexidade dialógica e heterogênea que compõe o conceito de alusão.

Esse movimento de que estamos falando é possível porque a memória funciona na articulação dos saberes, dos interdiscursos e dos esquecimentos a fim de promover a constituição de sentidos. Compreendendo a memória como geradora e articuladora central de saberes interdiscursivos, compreendemos que ela também é social, histórica, discursiva, textual, o que nos permite dizer que, por isso, “a alusão lida com lembranças e, também, com o esquecimento de que é parte” (TORGA, 2001, p. 57).

Enquanto estratégia dialógica que é, a alusão se mostra heterogênea já que aponta sempre para um outro, seja através da metáfora, da metonímia, da citação, da referência, do pastiche, da paródia, da parte que nos leva a um outro para compreendermos um todo. Sendo assim, percebemos que “nenhum jogo alusivo se mantém se não houver a diferença entre todo e parte, logo a relação de parte e de

todo é marcada constitutivamente pela heterogeneidade” (TORGA, 2001, p. 45).

É isso que nos motiva a compreender as duas narrativas em uma perspectiva dialógica, heterogênea e alusiva, uma vez que (I) seus textos dialogam (Bakhtin, 1980) com outros textos, com falas sociais; (II) são heterogêneos por serem marcados pela presença de elementos de outros textos, outros discursos, outras falas sociais e (III) também são alusivos, porque são dialógicos, heterogêneos e apontam o outro para o leitor.

Como compreendemos a alusão como uma estratégia textual de leitura, encontramos respaldo nas teorias do autor e leitor-modelo de Umberto Eco (1979, 2004). Em *Lector in fabula* (1979) e em *Seis passeios pelos bosques da ficção* (2004), Eco compreende a leitura como um processo de cooperação entre leitor e texto, em que aquele ajuda este a funcionar.

Leitor e autor-modelo não são sujeitos reais de carne e osso, mas estratégias de textualização; conforme Eco (1979, p. 65):

Se Autor e Leitor-Modelo são duas estratégias textuais, encontramos-nos, então, face a face a uma situação dúplice. Por um lado, como dissemos há pouco, o autor empírico como sujeito da enunciação textual formula uma hipótese de Leitor-Modelo e, ao traduzi-la em termos da sua própria estratégia, caracteriza-se a si próprio enquanto sujeito do enunciado, em termos igualmente “estratégicos”, como modo de operação textual. Mas por outro lado, também o leitor empírico como sujeito concreto dos actos de cooperação, deve esboçar uma hipótese de Autor, deduzindo-a, justamente, dos dados de estratégia textual. A hipótese formulada pelo leitor empírico acerca do seu Autor-Modelo parece mais segura do que aquela que o autor empírico formula acerca do seu Leitor-Modelo. De facto, o segundo deve postular alguma coisa que ainda não existe efectivamente, realizá-la como séries de operações textuais; o primeiro, pelo contrário, deduz uma imagem-tipo a partir de algo que se produziu anteriormente

como acto de enunciação e que está presente textualmente como enunciado.

De acordo com essa citação, é mais seguro para nós leitores de ‘*O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*’ formularmos uma hipótese acerca de seu autor-modelo, já que deduzimos uma “imagem tipo” de Scliar-leitor-autor a partir do que está escrito em sua narrativa. Mesmo que trabalhemos nos âmbitos do intra e do interdiscurso, chegamos a eles através da superfície textual (aquilo que está escrito) como portal para o desvendamento das relações dialógicas e, portanto, heterogêneas, alusivas entre as duas obras.

A partir dessa concepção de leitor, é perceptível que a teoria de Eco não se distancia do dialogismo bakhtiniano e, por isso mesmo, também não se distancia das concepções de Authier-Revuz (1983) e da concepção de alusão aqui apresentada. Se o leitor, segundo Eco (1979, 2004), dialoga com o texto na produção de sentidos, e se esse diálogo geralmente se dá por meio da cooperação entre leitor e texto, numa tentativa de colocar *uma máquina preguiçosa para funcionar* através da mobilização de elementos, partes, subentendidos, fragmentos, metáforas, ou seja, por meio de elementos que tornam o texto heterogêneo, podemos, assim, estabelecer um diálogo das quatro teorias.

Seguindo as reflexões teóricas de Authier-Revuz (1983) sobre a heterogeneidade da linguagem, não poderíamos elaborar nossa estratégia de leitura sem levar em conta esse aspecto da linguagem. Por isso, compreendemos que a leitura, enquanto uso da linguagem com objetivos e funções delimitadas, constitui-se em um jogo também heterogêneo. Daí a necessidade de articular as concepções de Eco (1979, 2004) com as de Authier-Revuz (1983). A linguagem é considerada, neste trabalho, portanto, como heterogênea, assim como os processos de escrita, leitura e diálogo. As marcas da heterogeneidade

são muitas e entre elas está a alusão. A alusão, estratégia de leitura, é uma operação discursiva em que se mobilizam a experiência do interdiscurso e a do intradiscurso. Este como o diálogo com o outro, o todo; a transformação, a assimetria; e aquele como a parte que ocorre na repetição, na reprodução, na simetria (TORGA, 2001).

LEITORES E LEITURAS NAS SINUOSIDADES DO DIÁLOGO

Usando a alusão como estratégia de leitura, percebemos que há uma relação metafórico-metonímica entre Artuzinho, Leo, Pedro Bola e André e o autor-modelo elaborado pelo sujeito empírico conhecido por Moacyr Scliar. Dentre os vários objetivos desse autor-modelo está o de apresentar *O alienista* para seus leitores. Na capa do livro aparece: uma leitura de *O alienista*, de Machado de Assis. No capítulo quatro, *No qual as coisas começam a se esclarecer*, o comportamento desses quatro garotos, diante daquilo que fala e lê a professora Isaura, assemelha-se a uma estratégia de leitura, é como se o autor-modelo se constituísse em um leitor para ler *O alienista* para nós, que somos leitores empíricos. No entanto, somente identificamos essa estratégia do autor-modelo que dialoga consigo mesmo enquanto leitor-de-Machado quando elaboramos uma estratégia com tal competência. Assim sendo, a partir dessa ideia de semelhança entre as atitudes dos quatro personagens em questão e Scliar-leitor-de-Machado, passamos, num ir e vir de sentidos e discursos, possibilitados pela alusão num movimento dos sentidos; a considerá-los como metáfora do leitor – tanto do Scliar-leitor-de-Machado quanto de nós, leitores empíricos, que elaboramos um leitor-modelo para invadir, à procura de pistas, vazios, interdiscursos etc., os bosques ficcionais das duas obras aqui estudadas em uma perspectiva dialógica.

Na narrativa machadiana, enquanto leitores, não conhecemos o interior do misterioso hospício; por isso, durante toda a narrativa, lidamos com o espaço exterior à Casa. Essa relação com o exterior

da Casa de maneira tão específica não ocorre, todavia, na narrativa de Scliar. Nesta, além do exterior, passamos a conhecer o interior do hospício, segundo – é evidente –, o olhar do narrador e dos quatro personagens, todos construídos pelo autor-modelo de Scliar. Nesse diálogo incessante entre uma e outra obra, percebemos que o processo de leitura, iniciado pel’*O mistério da Casa Verde*, nos coloca em contato com o interior do hospício, quando retornamos, porém, a *O alienista*, permanecemos no seu exterior; enquanto leitores, poderíamos imaginar como seria a realidade dentro do hospício, mas não lemos textualmente na narrativa de Machado a descrição das salas, dos cômodos, das paredes como a lemos em Scliar. Por isso, dizemos que saímos do interior da Casa (*O mistério da Casa Verde*) para seu exterior (*O alienista*) para, em seguida, retornarmos o seu interior, quando voltamos, enfim, a *O mistério da Casa Verde*.

Podemos afirmar agora que a Casa Verde não é nem aquela apresentada por Machado nem a que Scliar nos mostra, mas a união dialética das duas em uma síntese de uma terceira Casa Verde, aqui em sua totalidade, formada pelo jogo alusivo-dialético interior/exterior/interior. Esta última representaria o todo e cada uma das outras duas seriam partes desse todo construído no diálogo entre as duas obras, assim como dois interlocutores constroem juntos e em cooperação os sentidos de uma conversa. Desse modo, em *O mistério da Casa Verde*, ficamos sabendo o que acontece no interior do hospício e no lado de fora; já em *O alienista*, nos limitamos, a saber, o que ocorre fora da Casa.

[...] a parte em relação com o todo, da metonímia, da duplicidade, da dialogicidade, do “um” e do “outro” em mediação, da heterogeneidade constitutiva, da memória-trabalho e da memória-sonho, da paráfrase, (do princípio da recorrência) com a ação de reunir para reproduzir, do pastiche (do princípio do acréscimo) com a ação de dispersar para transformar, da reunião contraditória da paráfrase e do pastiche; gerando o momento da alusão (do princípio da sugestão) a ponto de

cada uma das peças acima associadas, em parte, fazerem remissão alusiva ao todo da teoria que procura dar conta do conceito de alusão no gênero romance [...] (TORGA, 2006, p. 142).

Os quatro garotos, mas principalmente Artur e Leo, são os leitores de Scliar no texto. Na capa de *O mistério da Casa Verde*, no canto superior esquerdo, está nítida uma das propostas do livro/obra: “uma leitura de *O alienista*”. Se, ao reler Machado, Scliar imagina o interior da Casa Verde, é necessário que, ao escrever sua leitura, ele nos apresente o hospício por dentro. Não por coincidência, quem nos mostra o interior do antigo casarão são Artur e seus amigos. Assim como um leitor investiga e busca pistas, eles também o fazem e, além disso, as informações que surgem sobre *O alienista*, geralmente em comentários da professora Isaura e do doutor Eduardo, surgem como respostas ao questionamento de Artur, Leo, Pedro Bola e André. É como se Scliar-autor-modelo se colocasse como leitor materializado na narrativa. Um leitor fragmentado em quatro personagens, os quatro garotos, que, quando estão juntos ou agem de forma coesa – quando se constituem num todo na união dos quatro –, conseguem algumas respostas. Assim como a Casa Verde é parte de uma Casa Verde construída no diálogo entre as duas obras, cada um dos personagens citados acima é parte de um leitor textual que vai, gradualmente, lendo *O alienista* para nós, leitores de *O mistério da Casa Verde*. Mas o autor-modelo elaborado por Scliar, embora crie essa estratégia de um leitor de outro texto dentro de seu próprio texto, não realiza todo o trabalho de mobilização de sentidos, deixa sutis vazios, lacunas cobertas, escondidas (não preenchidas) para nós, leitores empíricos que somos, elaborarmos um leitor-modelo que, além de identificar o Scliar-leitor no texto *O mistério da Casa Verde* e seguir os passos de Artur, Leo, Pedro Bola e André, seja capaz de desvendar mistérios outros, descobrir lacunas e preenchê-las, ouvir silêncios, atualizar e resgatar significados e sentidos. Certamente, se não usássemos a

alusão como estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde*, não chegaríamos às discussões aqui registradas. Esses personagens como representantes do Scliar-leitor-de-Machado aparecem condensados em uma metáfora de leitor. Simultaneamente, essa massa condensada se dispersa em partes, já que são quatro. Vemos aqui o diálogo metafórico-metonímico. Ou seja, de um lado a condensação – os quatro personagens (grupo) como metáfora de leitor; de outro, a dispersão – os quatro garotos considerados individualmente como partes de um todo e, desse modo, como metonímias do leitor (Scliar-leitor-de-Machado e do leitor-modelo que elaboramos).

Coerente com isso e como quem recorre à autoridade do discurso da crítica especializada, os quatro garotos vão até à professora Isaura para que ela, em um leve trabalho de leitura e interpretação de *O alienista* esclareça os mistérios que envolvem o antigo casarão, por isso, Leo diz: “– Vamos fazer uma coisa melhor: vamos conversar com a professora Isaura sobre o livro. Ela disse que está à nossa disposição no colégio.” (SCLIAR, 2004, p. 40). Desse modo, percebemos que a construção de sentido desse Scliar-leitor-de-Machado e a resolução dos problemas que a ele se apresentam acontecem dialogicamente. Em uma linguagem jovem, os comentários e as perguntas que são feitos à medida que a professora apresenta a obra, dão conta de estabelecer uma imagem sobre Bacamarte (enquanto personagem), suas ações e sobre o conto machadiano.

Em um diálogo de leitores, assim vai se construindo o sentido (SCLIAR, 2004, p. 40-47):

– Ele morou aqui em Itaguaí? – quis saber Artuzinho [...].

– E a troco de quê escreveu um livro sobre loucura? [...].

– Bacamarte... Bacamarte... Não é uma arma antiga? [...].

– E os itaguaienses, o que disseram? – perguntou Pedro Bola. [...].

– A Casa Verde... [...].

– Espere um pouco – interrompeu Artuzinho. – Que história é essa, “remédio universal”? Quer dizer que o doutor Bacamarte queria um remédio que curasse todos os tipos de doenças mentais? Será que o cara não estava exagerando? [...].

– O homem era fogo, então – disse André. E o pessoal da cidade? – perguntou Artuzinho. – Qual foi a reação deles? [...].

– Mas era um pavor, aquilo! – Pedro Bola, impressionado. [...].

– E os caras da vila? Não faziam nada? [...].

– E o alienista? – perguntou Artuzinho. – Fugiu?

– O barbeiro deve ter ficado por conta – observou André. [...].

– O homem era um ditador em potencial – comentou Leo. [...].

Agora o que acham vocês que o barbeiro fez?

– Expulsou o Bacamarte – disse Pedro Bola.

– Mandou prendê-lo – sugeriu André.

– Nada disso. [...].

– Questão científica: exatamente como dizia o alienista! – admirou-se Artuzinho. [...].

– É. Exatamente como dizia o alienista. O barbeiro queria o doutor Bacamarte como aliado. [...].

– O negócio dele era político... [...].

– Mas por quê? – estranhou Pedro Bola. [...].

– Então o alienista conseguiu o que queria? – perguntou André. [...].

Cada uma dessas perguntas poderia ser feita por nosso leitor-modelo, mas esse trabalho já é realizado pelo leitor-condensado-disperso re-

presentado pelos quatro personagens, o que nos levaria a pensar que essa seria uma estratégia de facilitação da compreensão do texto de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Compreendemos, no entanto, que, ao contrário, isso não ocorre, porque ao leitor-modelo construído nesta monografia para *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista* cabem outras tarefas que ultrapassam a já realizada pelo Scliar-leitor-de-Machado, embora o tenhamos como parte de nossa leitura. Nosso leitor-modelo, além disso, caminha pelos bosques da alusão enquanto estratégia de leitura que mobiliza inter e intradiscursos, heterogeneidades, dialogismo, memória, textos e intertextos. Assim, em um movimento dialético das leituras aqui realizadas pelos dois leitores (Scliar-leitor-de-Machado e nosso leitor-modelo) entendemos que essas leituras concorrem para movimentos de sentidos, já que as duas mobilizam a memória com a alusão e a heterogeneidade.

Assim, quando identificamos esses personagens como “detetives”, nossa hipótese se torna mais consistente, já que a relação detetive (aquele que procura pistas) – leitor (aquele que procura pistas) – Scliar-leitor-de-Machado se concretiza quando os personagens agem para desvendar seus mistérios, agindo como verdadeiros detetives-leitores. No diálogo que estabelecemos entre as duas obras literárias aqui estudadas e as teorias que nos fundamentam, Authier-Revuz (1982):

considera as metáforas e, nós acrescentamos as metonímias, que reconstroem linguístico-semanticamente a alusão, como formas de heterogeneidades constitutivas do jogo alusivo, porque “fazem falar no vertiginoso apagamento [deslocamento/condensação] do enunciador atravessado pelo ‘isso fala’ do interdiscurso ou do significante”. (TORGA, 2001, p. 44)

Sem abandonar o jogo alusivo-heterogêneo, percebemos que os quatro garotos enquanto metáfora de Scliar-leitor são também metonímia sua, já que, no papel investigativo, estão os quatro, de modo

que, cada pergunta é lançada por um deles, e um de cada vez. Como leitor, o grupo age como metáfora, é aquele que realiza a tarefa de leitura para Scliar, da obra de Machado, *O alienista*. Quando consideramos, contudo, cada um dos garotos separadamente, nos damos conta de que Scliar-leitor-de-Machado se faz presente em cada um deles, uma vez que suas atitudes são próprias de um investigador, tal como concebemos o leitor. Por isso, dizemos que Artur, Leo, Pedro Bola e André concretizam no plano da superfície textual relações metafórico-metonímicas. No entanto, não deixamos de ver aí um dos resultados de nossa estratégia de leitura fundada na alusão, que nos permite dialógica e dialeticamente construir sentidos, inclusive instituir leitores e estabelecer diálogos entre esses leitores e suas leituras.

Partimos da hipótese de que em um primeiro momento Scliar-leitor-de-Machado se transfigura num Scliar-autor-modelo (o autor-modelo de *O mistério da Casa Verde*), nesse processo de transfiguração de leitor para autor, algo permanece, a natureza do leitor é herdada por quatro personagens como se fossem uma espécie de alterego do autor-modelo quando leitor de *O alienista*. Esses quatro personagens, sempre juntos, formam um grupo heterogêneo, como metáfora de Scliar-leitor-de-Machado, que se individualiza em partes, mas que juntos compõem um todo. Essa relação de identificação das partes ou da parte com o todo é chamada por Torga (2001) de relação de reprodução e, portanto, metafórica, já que há uma identificação (repetição) do todo na parte, a saber: Artur, Leo, Pedro Bola e André. E isso está coerente com a constituição de nosso leitor-modelo pela alusão, uma vez que:

As operações particulares da alusão são aquelas operações conceituais que articulam o processo metafórico e o processo metonímico. O autor-modelo e o leitor-modelo constituem-se como ações que estabelecem o movimento parte/todo inerente a essas categorias (TORGA, 2001, p. 88).

Tanto a metáfora quanto a metonímia são alusivas, são heterogêneas. Uma e outra apontam, indiciam, ainda que por processos diferentes. Como neste trabalho, a alusão é adotada como estratégia de leitura, concebida como categoria da heterogeneidade constitutiva e enun-ciativa; podemos dizer que “a alusão, estratégia de leitura, é uma operação discursiva em que se mobiliza a experiência do interdiscurso – a parte ou fragmento que ocorre na repetição, na reprodução, na simetria e a experiência do intradiscurso, o diálogo com o outro, o todo, a transformação, a assimetria” (TORGA, 2001, p. 81).

Quando lemos *O mistério da Casa Verde*, fazemos uma leitura, da leitura de Scliar-leitor. Por isso, nossa leitura somente se completa quando: 1) lemos a leitura de Scliar d’*O alienista*; 2) lemos *O alienista* e retornamos a *O mistério da Casa Verde*. O diálogo é o todo e cada obra é uma parte desse diálogo, num jogo de duplicidades construtoras de sentido.

NÃO PARA FINALIZAR, MAS CONTINUANDO...

Transportados para *O alienista* pelos movimentos de sentido promovidos pela alusão, deparamo-nos com um narrador-leitor; afinal, a narrativa machadiana tem este início: “As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte (...)” (ASSIS, 1999, p. 15). Como se vê, o narrador ‘lê’ ao mesmo tempo em que narra o que dizem as crônicas da vila de Itaguaí. Estamos diante, portanto, de mais um leitor. Nesse diálogo de leitores-interlocutores, também se dá o encontro das leituras. A leitura que fazemos neste estudo é, na verdade, uma leitura da leitura que Scliar-leitor-de-Machado faz da leitura que o narrador de *O alienista* faz das crônicas da vila de Itaguaí. Desse modo, fazemos uma leitura da leitura que Scliar faz da leitura que o narrador de *O alienista* faz das crônicas de Itaguaí.

Resgatamos, portanto, com nosso leitor-modelo fundado na alusão, as relações metafórico-metonímicas: *interior x exterior x interior, parte x todo x parte, hoje x ontem x hoje* constituintes do nosso processo de leitura.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. P.; GERALDI, J. W. *Cadernos de estudos linguísticos 12: o discurso e suas análises*. Campinas: Unicamp, 1990.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 2005.
- CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ECO, U. *Leitura do texto literário (lector in fabula): a cooperação interpretativa nos textos literários*. Lisboa: Presença, 1979.
- _____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SCLIAR, M. *O mistério da casa verde*. São Paulo: Ática, 2004.
- TORGA, V. L. M. *Movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura do livro “Ler, escrever e fazer conta de cabeça”, de Bartolomeu Campos Queirós*. 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.